

Um Centenário

Yves G. S. MARTINS

São Paulo assistiu dia 25 do mês passado, uma das maiores manifestações de carácter literário que se tem feito nos últimos tempos. Centenas de jovens e muitos escritores de fama movimentaram-se num afã extraordinário e incansável. As estações radiofônicas apresentavam programas sobre este acontecimento, os jornais dedicavam páginas inteiras a tal assunto, as Faculdades eram centros de conferências e os estudantes executavam passatas pelas ruas da capital. Enfim São Paulo estava em festa.

Porém que fato de tão magna importância revolucionou 2 milhões de habitantes? Que haveria acontecido? Alguma nova escola literária aparecera? Não... Tratava-se tão somente da comemoração do centenário de morte de um poeta que em vida nunca vira seus poemas publicados. Tratava-se do centenário de Alvares de Azevedo.

Poderá haver um estudante paulista que não conheça fórmulas matemáticas; também poderá não conhecer filosofia, poderá ainda não conhecer física, química, francês, inglês e outras humanidades e mesmo assim será chamado estudante paulista. Entretanto caso encontremos um deles que não conheça de memória ao menos uma quadra do poeta de "Lira dos Vinte Anos", este podemos assegurar não merecer o título nem de estudante, nem de paulista.

Alvares de Azevedo é para as moças tão doce quanto o doce cantor das "PRIMAVERAS", para os rapazes possui uma dolorida nostalgia que lembra o início do romantismo francês, para os homens apresenta a revolta que caracteriza a obra do maior de todos os poetas ingleses, Byron. Agrada pois a todos.

Fruto de um meio estudantil corrompido, acabrunhado por uma moléstia incurável e sentindo dentro de si a chama do gênio que se extinguiu, revela em seus poemas uma revolta interior que raramente é expressa em gritos alucinantes de dor, mas por contraste em risadas sarcásticas quase diabólicas, nas quais alguns críticos mal informados pensaram ver humorismo. Como poderia haver humorismo num sofredor, num desambiantado, num doente?

Embora sua obra esteja eivada em certos momentos da mórbida fantasia de um Coleridge como nos poemas "O CONDE LOPO" e "POEMA DO FRADE", embora lembre muitas vezes o lirismo sublime de um Musset, de um Lamartine ou de um Vigny sendo o caso de "SAUDADES" e "AMOR", ou embora possua ainda influências nítidas do autor de "THE PRISONER OF CHILLON" e tal é o caso de "SE EU MORRESSE AMANHÃ", é possuidora de uma unidade bem marcante que pode manter confronto não só com a dos maiores românticos como também com os grandes da Literatura Universal.

A personalidade poética de Alvares de Azevedo foi tão forte que veio a influenciar a obra do baiano Castro Alves.

Em homenagem ao Centenário de morte deste grande poeta foi que tão exuberantemente se manifestou o povo paulista.

"A Cidade"

13/5/1952